

A Unidade dos Trabalhadores - Trabalhadoras e as Centrais Sindicais

A perspectiva da legitimação e da legalização de uma central sindical, que efetivamente representasse os interesses imediatos e históricos dos trabalhadores e das trabalhadoras brasileiras, sempre esteve presente entre os objetivos estratégicos do sindicalismo classista. A luta era para a construção de uma única central, com a perspectiva da unidade e fortalecimento da classe trabalhadora, como instrumento fundamental para o enfrentamento da luta que se trava contra os interesses das classes dominantes. No entanto, por diversas questões - que não cabem ser tratadas nesta tese— **a reorganização do movimento sindical brasileiro, a partir da década de 1980, resultou na fundação de várias Centrais. O sindicalismo classista deve, portanto, colocar, na ordem do dia, a unidade dos trabalhadores em torno de uma plataforma de luta e resistência, em defesa da valorização do trabalho, do desenvolvimento nacional soberano e democrático, contra as investidas do capital.**

Hoje são 12 organizações nacionais que se apresentam como “centrais sindicais”: CUT, Força, UGT, NCST, CTB, CGTB, CSP (Central Sindical das Profissões), CBDT (Central Brasileira Democrática dos Trabalhadores), Conlutas, UST (União Sindical dos Trabalhadores), CUPSPB (Central Unificada dos Profissionais Servidores Públicos do Brasil) e Cenasp (Central Nacional Sindical dos Profissionais em Geral). Dessas Centrais, apenas cinco são reconhecidas legalmente: CUT – CTB – FS – NCST E UGT.

A unidade da classe trabalhadora

Com a reorganização do movimento sindical, a Central Única dos Trabalhadores- CUT, fundada em 1983, embora tendo se apropriado da expressão ‘central única,’ já nasceu sinalizando que a unidade não estava em suas prioridades. Por sua política e pelo momento histórico, não se fez polo aglutinador do sindicalismo classista.

A CUT, maior e mais antiga central, vem, visivelmente, perdendo espaço no movimento sindical brasileiro. Ela, que representava mais de 50% das entidades filiadas a uma Central, hoje se situa na faixa de 22% de sindicatos. (fonte fetraconspar.org).

A CUT perdeu também o status de central plural e tornou-se uma central do Partido dos Trabalhadores com as diferenças de orientações que existem nesse partido.

É preciso considerar, também, que o novo período político inaugurado pela vitória do presidente Lula provocou uma recomposição do movimento sindical brasileiro. A unidade das centrais em torno da construção de uma agenda da classe trabalhadora, visando a um projeto nacional de desenvolvimento com valorização do trabalho, representa um grande avanço na unidade dos trabalhadores.

Nas atuais condições, na existência de inúmeras centrais e nenhuma delas alcançando filiação de ao menos 1/3 das entidades sindicais brasileiras, a unidade da classe trabalhadora já não passa mais por uma única central. Requer a união mais ampla de todas as centrais e entidades sindicais na ação concreta em defesa de bandeiras classistas. O coroamento e ampliação dessa unidade se concretizou na realização da CONCLAT, em junho de 2010, conferência promovida pelas centrais CTB, CGTB, CUT, FORÇA SINDICAL e NCST. A atividade representou a consolidação da crescente unidade em defesa dos interesses da classe trabalhadora, independente de concepções políticas e ideológicas. O tema central da Conferência foi a apreciação e aprovação da “Agenda da classe trabalhadora para um projeto nacional de desenvolvimento com soberania e valorização do trabalho”. Essa agenda passou a nortear as ações políticas das entidades sindicais classistas.

A CONTEE surgiu sob o signo da Unidade

A CONTEE surgiu sob o signo da Unidade. Na principal faixa que ornamentou a primeira Plenária (Praia Grande - novembro de 1990) estava consignado um

dos nossos valores “Construindo a Unidade Política e Orgânica dos Trabalhadores”. Para esse compromisso e identificação, meses depois, na cidade de Guarapari, no Espírito Santo, 500 delegados e delegadas ratificaram a fundação da CONTEE e a filiação à Central Única dos Trabalhadores. Nesse período, a CUT aglutinava as forças progressistas e coexistiam diferentes concepções políticas sindicais e ideológicas.

Em todos os Congressos da CONTEE, nestes 20 anos, decidiu-se por ampla maioria, pela unicidade sindical. Na CONTEE, em seus fóruns coletivos e democráticos, sempre foram rejeitadas as propostas de “sindicalismo orgânico” e “pluralismo sindical”, bem ao contrário da CUT que dedica a essas bandeiras boa parte de sua energia.

Nos Fóruns da CONTEE, prevaleceu a concepção de que o sindicalismo não deve ser apenas instrumento de reforma do capitalismo, mas, sim, um sindicalismo classista, que lute pelos direitos econômicos e sociais dos trabalhadores, mas que tenha como centro a luta política pela transformação da sociedade. Portanto, a concepção de que o movimento sindical deve levar a uma luta econômica, política e ideológica.

Após a eleição de LULA, foi indiscutível o acirramento de posições dentro da Central Única dos Trabalhadores quanto ao seu papel e seu posicionamento frente às questões táticas e estratégicas. A força majoritária da CUT confundia a defesa do governo Lula com a falta de posicionamento crítico e de luta, enquanto que as outras forças compreendiam que a defesa do governo Lula passava pelo posicionamento crítico e pela disputa na correlação de forças, sem a qual, em um governo de coalizão, ficava impossível disputar com as forças do capital.

Ainda que tais debates também tenham marcado os fóruns deliberativos da CONTEE, a unidade da entidade sempre foi preservada.

A unidade se constrói no debate.

As forças políticas e entidades sindicais que atuam na CONTEE estabeleceram, desde a fundação da entidade, um padrão de convivência que prima pelo debate e respeito às decisões coletivas tomadas pelos fóruns decisórios da Confederação.

Essa experiência da construção de uma organização nacional, fundada de forma unitária para vencer o capital, deve servir de referência e instrumento de avanço da unidade no movimento sindical brasileiro. A CONTEE deve reforçar todas as iniciativas que visem à unidade das Centrais na defesa dos direitos da classe trabalhadora. A entidade deve fortalecer e participar de todas as iniciativas que valorizem o trabalho, devendo estar presente em todos os embates em âmbito nacional, dando continuidade à sua atuação no âmbito internacional.

A CONTEE deve reforçar sua atuação na CEA (Confederação de Educadores Americanos) e também na CPLP_SE, da qual é fundadora e membro da diretoria.

Em 2009, a CONTEE se filiou à IE e deliberou pela filiação à FSM, participando de inúmeros encontros e Congressos Sindicais. Nossa participação na IE tem sido de fortalecimento das posições avançadas, principalmente na IEAL-Internacional de Educação na América Latina. Na FSM, nossa atuação tem sido pelo fortalecimento da representação no ramo da educação.

Por uma CONTEE mais UNIFICADA e mais FORTE

Nossa Confederação sempre teve posicionamento intransigente na defesa dos direitos dos(as) trabalhadores(as), na defesa de um projeto nacional de desenvolvimento soberano, com valorização do trabalho e distribuição de renda e na luta por uma sociedade justa e solidária e de respeito às nossas particularidades.

Desde 2007, a nossa Confederação passa por mudanças na sua conformação política. O crescimento da CONTEE e a nova conformação do movimento

sindical tem ocasionado a convivência, dentro da CONTEE, de sindicatos filiados a várias centrais sindicais. A ampla maioria dos sindicatos é filiada à CTB e não à CUT. As federações são filiadas à CTB, à CUT ou não têm filiação a nenhuma central sindical. A FEPESP, por exemplo, deliberou recentemente por sua desfiliação da CUT, porque os sindicatos por ela representados são filiados a várias Centrais.

Consideramos de fundamental importância a unidade das entidades representativas dos trabalhadores em educação, filiadas à CONTEE. Entendemos que a CONTEE deve construir a unidade na pluralidade, respeitando a pluralidade de concepções. Isso não significa que, como entidade de terceiro grau, ficará à margem dos embates políticos sindicais.

Ao contrário, respeitando a pluralidade de ideias, a CONTEE deve participar de forma determinante, através dos sindicatos e federações, das várias centrais, tendo como objetivo o fortalecimento da luta dos trabalhadores e trabalhadoras, o enfrentamento ao capital e a defesa de um projeto de desenvolvimento social soberano e democrático, com valorização do trabalho e distribuição de renda.

A gestão que se encerra foi mais uma prova prática de nossa capacidade de conduzir a Confederação com firmeza, unidade e amplo apoio a todos os membros de sua diretoria que quiseram promover a CONTEE e suas políticas. Resultado dessa nossa prática democrática e não hegemônica foi o crescimento da Confederação em número de entidades filiadas, em sua representatividade e amplo reconhecimento pelo movimento social e pelo poder público.

É nessa conjuntura de reorganização do movimento sindical que propomos discutir a filiação da Contee a uma Central. A Central Única dos Trabalhadores não é mais a única que representa a concepção progressista do movimento sindical, tampouco é a principal central no campo da CONTEE. Por isso, consideramos artificial manter a filiação da CONTEE à CUT.

A CONTEE, entidade de terceiro grau, deve lutar pela unidade das entidades da base que representa. Com esse objetivo, propomos a esse Congresso que:

1. A CONTEE se desfilie da CUT;
2. A CONTEE estabeleça relações com todas as Centrais Sindicais que defendam os (as) trabalhadores (as) e apoie todas as iniciativas que visem à unidade do movimento sindical, participando dos fóruns que contribuam para essa unidade;
3. A CONTEE crie uma Secretaria de Políticas Sindicais, cuja principal tarefa seja articular a relação da Confederação com as Centrais Sindicais.

O VIII CONATEE deve reafirmar os esforços de unidade nas diferenças, aprovar um programa de lutas e indicar um modo de organização e funcionamento de nossa entidade que aperfeiçoe a gestão democrática, aprofunde os vínculos com as entidades filiadas, que valorize a participação de todos (as) os (as) diretores (as).

Pela unidade da classe trabalhadora!

Pela unidade política das Centrais!

Pela valorização dos (as) trabalhadores (as) em educação do setor privado.

Assinam: Mada Guasco Peixoto- Coordenadora Geral; Maria Clotilde Lemos Petta- Secretária de Comunicação Social; Cristina Castro- Secretária Geral; João Batista da Silveira- Secretário de Assuntos Jurídicos e Institucionais; Nara Teixeira Souza- Secretária de Questões de Gênero e Etnia; Edson de Paula Lima- Coordenador da Regional Centro-oeste; José Carlos Padilha Areas- Coordenador da Regional Norte.